# ASHLEY POSTON

Autora do best-seller
*O amor não morreu*

# Com um pouco de SORTE

VISIT…

LANZAROTE Caliente.COM

# ASHLEY POSTON

Autora do best-seller
*O amor não morreu*

# Com um pouco de SORTE

ASHLEY
POSTON

# Com um pouco de SORTE

Tradução
RAQUEL NAKASONE

paralela

# Sumário

Capa
Folha de rosto
Sumário
*Dedicatória*

Com um pouco de sorte

*Agradecimentos*
*Sobre a autora*
*Créditos*

# Pontos de referência

Cover
Página de Título
Agradecimentos
Sumário

*Para todo mundo que cresceu*
*à base de comédias românticas.*

Minha mãe sempre disse que a família Love tem sorte.

Não muita sorte, veja bem, tipo ganhar na loteria ou sorteios, mas um pouco de sorte. De chegar toda vez cinco minutos antes de um temporal começar ou, às vezes, conseguir um *upgrade* para a classe executiva em alguns voos ou achar vagas boas em estacionamentos lotados. Temos sorte em algumas coisinhas que, no fim das contas, nem *importam* tanto.

Na verdade, é uma maldição.

Era de esperar que tivéssemos sorte no amor também — afinal, esse é o nome da nossa família, em inglês.

Ao que tudo indica, deveríamos ter.

Minha avó era uma cerimonialista de casamentos famosa, minha mãe é uma romancista renomada, minhas irmãs são experts em relacionamentos — uma tem uma coluna de conselhos sentimentais e a outra é terapeuta sexual. Quando éramos mais novas, a barraca do beijo delas era conhecida em toda a cidade. As crianças costumavam jurar que tinham encontrado a alma gêmea depois de um selinho da Lila ou da Rose. Mas o que é que adolescentes de treze anos sabem sobre o amor? É o que os pais sempre diziam, balançando a cabeça, em desaprovação.

Minhas irmãs nem ligavam para isso. Elas montavam a barraca quando o calor do verão estava nas alturas e as bocas ficavam com gosto de picolé de morango. Assim, ganhavam grana suficiente para nos levar ao cinema, com direito a pipoca grande e uma bebida para ser dividida entre nós três.

Nunca fiz parte da barraca. Se eu tivesse participado daquilo,

talvez a história do meu primeiro beijo e do segundo e do terceiro e do décimo não fosse tão pavorosa. Não, “pavorosa” não é a palavra certa, tampouco “triste”. Depois do terceiro beijo, aprendi que a maldição da família é verdadeira. E que eu sou, realmente, sortuda em tudo, exceto na *única coisa* que quero: amor.

Porque, sabe, as mulheres da família Love são excelentes em encontros e aventuras românticas, mas nunca para elas mesmas. Nossa maldição é sermos a pessoa que vem *antes* — minha avó, minha mãe, minhas irmãs e eu. Somos passageiras, aquela mulher no começo das comédias românticas que raramente tem nome porque é sempre o que o protagonista *não* precisa — ela é o *antes* e totalmente esquecível.

— Sei que parece maluquice — falei para aquele que se tornaria meu melhor amigo no dia em que nos conhecemos na faculdade —, mas sou o beijo *antes* de alguém encontrar o verdadeiro amor.

O Rhett me levou para tomar um café depois de um primeiro dia particularmente angustiante de estatística. Ele era tão legal e charmoso que eu não queria que me entendesse mal. Eu tinha que avisá-lo. Além disso, nós dois teríamos bombado naquela matéria se não tivéssemos nos sentado um ao lado do outro e sussurrado as respostas que colamos do futuro graduado com honras à nossa frente.

Ainda não sei se o Rhett acreditou em mim, pois apenas sorriu e deu de ombros.

— Também não estou procurando nada, a não ser que você tenha a cola da prova de sexta.

Inspirei o ar com os dentes cerrados.

— Putz, foi mal... Não vai rolar, cara. Você fez amizade com a menina errada. Esse cérebro aqui? Está cheio de citações de *Crepúsculo* e dados sobre o *omegaverse*, e nada de matemática.

— O que é *omegav*...? Pô, não tenho o suficiente... — ele disse baixinho, contando os trocados da carteira. — Hum, vou pegar o seu café e uma água pra mim...

— Ah, não, espera! — Vasculhei o chão ao nosso redor. Vislumbrei algo prateado debaixo da vitrine da padaria, peguei a moeda e a ergui. — Isso é o suficiente, né?

— Você acabou de achar isso no chão?

Dei de ombros.

— É uma maldição.

Ele deu risada.

— Como assim? Você é sortuda! — ele comentou.

Tive que morder a bochecha por dentro ao sorrir.

— Meio que sim — respondi.

E foi isso.

Não rola nada de romântico entre a gente. (O que é uma coisa boa, porque o Rhett escolhe mulheres como se fosse um jogo sádico de roleta-russa: qual delas vai acabar roubando seu cartão de crédito e dando uma facada na coxa dele *esta* semana? E eu sou, como já disse, uma excluída na área amorosa.)

Somos simples e inteiramente melhores amigos.

Então, quando o Rhett me ligou dez anos depois me perguntando se eu queria ser sua madrinha de casamento, como é que eu poderia dizer não? Não importava que ele só conhecesse Carmilla fazia seis meses — de novo, seu histórico amoroso era... *suspeito*, na melhor das hipóteses.

Mas o que é que eu deveria falar?

— Espera aí, tigrão, vai pular sem paraquedas mesmo?

Não... Se meu melhor amigo queria pular, eu ia pelo menos ficar por perto dando apoio.

E, *nossa*, como me arrependo dessa decisão agora. Quem sabe, se eu tivesse dito “Pisa no freio, campeão, você está indo rápido demais”, eu não estaria deitada no sofá com a dor de cabeça mais bizarra do mundo após o que eu esperava que tivesse sido uma despedida de solteiro também intensa da qual não conseguia me lembrar, e meu melhor amigo não estaria desaparecido?

# Ontem

Tudo começou bem, só para você saber. Digo, tão bem quanto *poderia* ser a véspera do maior comprometimento da sua vida.

Rhett me encontrou no aeroporto, pegamos um carro juntos e ele passou a viagem toda mexendo e rodando o anel de noivado no dedo, observando a paisagem árida e invernal de Connecticut em fevereiro. Ele estava nervoso. Manteve o maxilar cerrado o tempo todo e não apontou para *todas* as vacas pelas quais passamos, o que foi o sinal mais revelador. Ele adorava ficar apontando para animais de fazenda aleatórios durante as viagens de carro.

— Sabe, a gente pode dar meia-volta e fugir, se quiser — eu disse, meio que brincando, meio que não. — É só dizer a “palavra de segurança” e já era. Tenho quase certeza de que tenho uma meia-calça na bolsa; podemos colocar na cabeça pra disfarçar e sequestrar o motorista e...

Ele deu uma risada, revelando os dentes tortos para mim.

— Eu amo a Carmilla, Audie.

Ele era a única pessoa que podia me chamar de Audie. E, toda vez que fazia isso, eu sabia que estava falando sério. Uma sensação estranha e incômoda fez meu peito apertar.

— Então qual é o problema?

— Todo o resto, acho.

Seria mais *fácil* se Carmilla fosse o problema, mas eu a conheci em Nova Orleans alguns meses antes no aniversário de trinta e um anos de Rhett. Ela era linda e bastante pé no chão para uma atriz. Sempre perguntava como eu estava e mandava cartões-postais quando viajava para o exterior e... sinceramente?

Tentar odiar Carmilla era tipo tentar odiar algodão-doce. Era *possível*, mas você seria uma daquelas pessoas que não curtem nem um pouco as escolhas *populares*. (Além disso, por que odiar a *nepobaby* Carmilla Marion quando se *podia* odiar aquela princesa que quis ser atriz por, tipo, um milissegundo?)

A família dela tinha tanta grana que ela não precisava trabalhar nunca mais — eles eram aquela espécie de ricaços que tinham casa no litoral de Connecticut e podiam ser figurantes nos clipes da Taylor Swift. Foi exatamente para lá que fomos — para um pequeno aeroporto em Connecticut que nos levou até uma cidadezinha ainda menor no litoral. Periodical era um nome peculiar para uma cidade litorânea, mas logo percebi que aquela mal poderia ser considerada uma cidade propriamente dita quando entramos na avenida principal. Fazer uma despedida de solteiro memorável *ali* exigiria um milagre, sendo que a tarefa *já* era difícil por si só, pois era véspera do Dia dos Namorados e inverno em uma cidade litorânea. Pegamos todo o caminho livre até a pousada onde ficaríamos hospedados — eu sempre pego semáforos abertos. De qualquer forma, havia apenas *um* semáforo em Periodical, então não foi exatamente uma grande façanha.

Franzi a testa.

— Tipo... todo o resto? A carreira dela? A fama? Ela quer ter filhos? Ou... — falei baixinho. — É a *família* dela?

— Não, não, eu adoro a família dela. A maior parte — ele acrescentou. — Tipo, *casamento*... No *Dia dos Namorados*? Poderia ser mais clichê? Tudo é temático, Audie. *Temático*! Nossos pais vão sair também. Até encomendaram bolinhos da padaria favorita de Millie em toda a área da Baía de São Francisco só pro jantar de ensaio. Tipo, pagaram alguém pra ir de avião até São Francisco ontem, encomendar os bolos e *voltar* pra cá com eles.

— Sabia que o Frank Sinatra costumava fazer isso com a pizza favorita dele?

Rhett continuou como se não tivesse me ouvido:

— Sem falar que... a lista de convidados tem um quilômetro de extensão! E eu não conheço nem metade desse povo. A gente

convidou até aquela princesa... Sabe qual, né? Princesa Ilaria de... hum...

— Monterra?

— Essa mesma!

— Nossa! — Fiquei surpresa. Não esperava que a Carmilla fosse convidar uma mulher rebelde feito a princesa Ilaria, especialmente depois de toda a publicidade negativa que ela recebeu. — Ela vem?

— Não. Ela tinha uma festa de noivado em Roma ou algo assim. — Ele passou os dedos pelo cabelo. — E todos aqueles cartões de agradecimento. O discurso que tenho que ensaiar. O... sei lá, *tudo*. Você me conhece. Eu só quero...

— Você não pode fugir pra se casar em segredo com ela, seu idiota! — eu o repreendi. — Não depois de tudo o que ela fez. Além disso, passei tempo demais pesquisando no Google Maps e lendo críticas no Yelp pra organizar sua despedida de solteiro, então você não vai desistir agora. A gente vai sorrir e acenar, *capisce*?

— *Capisce*! — ele falou. — Aliás, você vai adorar o padrinho da Carmilla.

— Ah, é? Ele é legal?

— Na verdade...

— Chegamos — o motorista anunciou, parando na frente de uma linda pousada branca, com roseiras, vista para o mar e a radiante noiva de Rhett parada na varanda.

Ela nem esperou a gente tirar as malas do carro antes de se lançar sobre nós. Carmilla Marion estava tão animada que contrastava com o mau humor de Rhett, exibindo suas brilhantes madeixas loiras e seus grandes olhos castanhos. Seu sorriso suavizou minhas arestas mais afiadas no segundo em que ela fixou sua atenção em mim.

— Audrey! — ela gritou, pegando minhas mãos. — Estou tão feliz que você veio! Rhett disse que você é a mais empolgada de nós!

— Ele disse, é? — perguntei, olhando para Rhett.

Ele me deu um sorriso sem graça enquanto ela o puxava para longe. Pelo visto, seu pai tinha chegado pouco antes de nós, e os pais dela estavam *morrendo* de curiosidade para conhecê-lo. Ela veio e levou meu melhor amigo consigo feito um furacão, e fiquei ali sozinha na calçada da pousada.

— Também foi difícil pra gente acreditar — um homem falou atrás de mim, e virei a cabeça para ver quem era.

Ele tirou minha mala do bagageiro do carro quando fiz menção de pegá-la, puxando-a rapidamente e colocando-a no chão. O que foi um pouco ofensivo, pois eu quase morri para colocá-la no bagageiro do avião algumas horas antes. Estava usando uma calça preta bem passada e uma camiseta branca simples e era bem bonito, com um cabelo ruivo bagunçado e jovial, lembrando um daqueles heróis de filmes de ação dos anos noventa, e seus ombros eram largos o suficiente para deixar Brendan Fraser nos tempos de *A múmia* no chinelo. Ele me encarou com suaves olhos verdes. Havia uma sarda logo abaixo do seu olho esquerdo — a única em seu rosto ofensivamente perfeito.

Aquela sensação estranha no meu peito se transformou em algo escorregadio e terrível.

— Ah! Você!

Era a última pessoa que eu queria ver. Ele se virou para procurar Rhett e exigir alguma explicação, mas meu amigo já tinha sido levado pelo pai. *Putz*... Quando conheci Carmilla em Nova Orleans, também conheci seu melhor amigo e não poderia pensar em alguém pior para ver no dia. Ele não tinha mudado nada desde aquela noite na Bourbon Street.

Ele falou com aquela voz profunda e suave:

— Continua supersticiosa, Audrey?

— E você, continua idiota? — devolvi.

Sua boca se curvou em um sorriso — a mesma boca que percorreu cada centímetro do meu corpo no quarto daquele hotel da Bourbon Street. Cada centímetro *exceto* minha boca. Gostaria de poder dizer que aquela tinha sido só uma noite

bêbada de más decisões, mas banquei a organizadora do evento e não podia nem usar isso como desculpa. Não, eu apenas não resisti a um homem bonito com lábios sensuais que se recusou a beijar minha boca porque preferiu ficar me provocando sobre a minha maldição.

— Caso isso seja real, prefiro não encontrar a minha metade — ele disse na ocasião, usando a boca para explorar meus seios. — Seria uma pena.

— Você falou que não era supersticioso.

— Não sou, mas você é. — Ele abriu um sorriso malicioso. — E estou vendo que você quer que eu te beije.

Eu queria. Muito. Queria tanto que fiquei me perguntando qual seria o seu sabor... Será que ele teria o gosto dos drinques que tinha bebido ou do chiclete de menta que trazia no bolso? Será que os lábios eram tão macios quanto pareciam? Será que ele curtia morder?

Saí do devaneio e desviei o olhar para os meus sapatos.

— O que está fazendo aqui?

Seus olhos verdes ficaram brincalhões.

— Estou aqui pra te beijar.

Era tão ridículo que uma risada repentina escapou da minha boca antes que eu me desse conta.

— Tá brincando, né? Na frente de todo mundo?

Ele se inclinou para mim. Seu cheiro era o mesmo — de perfume amadeirado, algo de cedro.

— Deixa eu te beijar e vamos ver se encontro meu *verdadeiro amor* amanhã. Só tem um jeito de provar que essa maldição é verdade. E bem a tempo do Dia dos Namorados.

— Se me lembro bem, foi *você* que não quis *me* beijar — soltei.

— E se eu tiver mentido?

Eu poderia ter falado *tantas* coisas naquela hora se fosse um pouquinho mais espirituosa... Mas tudo em que consegui pensar, olhando para aquele homem desastrosamente bonito, foi...

— Não tenho nenhuma bala.

Ele deu uma bufada que pareceu uma risada e começou a abrir a boca quando Carmilla gritou da varanda da pousada:

— *Theo*! Espero que esteja se comportando!

Então aquele homem de ombros largos teve a ousadia de bancar o tímido!

— Claro que sim, Millie — ele falou. — O que mais eu estaria fazendo?

— Sendo você — respondeu, divertida. Naquele momento, soube o que Rhett vira nela. Ela sorriu para mim, dando uma piscadela, e completou: — Não deixa ele criar caso. Afinal, vocês dois precisam trabalhar *juntos*!

*Juntos*? Peraí! Será que esse cara era...

Então Carmilla se virou para trás, distraída.

— Ah, pai, para de interrogar meu noivo! — ela gritou, entrando na pousada e me deixando ali com meu repentino e irrevogável inimigo mortal.

Ele trouxe minha mala e estendeu a mão.

— Acho que começamos com o pé esquerdo. Que tal tentar de novo? Theo Luck. — Ele se apresentou. — Padrinho de casamento da Carmilla.

Olhei para a sua mão e depois para aquela linda cara de convencido e agarrei a alça da mala. Sem falar nada, virei as costas e saí arrastando-a pela calçada até a varanda. Subi os degraus tentando ignorá-lo completamente.

Eu tinha uma despedida de solteiro para organizar e um casamento ao qual comparecer no dia seguinte. Não poderia me dar ao luxo de odiar Theodore Luck.

Só precisava sobreviver a ele.

# Hoje

Acordo sentindo gosto de tequila e arrependimento na língua.

Talvez a própria tequila *seja* o arrependimento. De qualquer forma, o sabor certamente é horrível. Minha cabeça está latejando e não lembro como fui parar no sofá. Na verdade, não lembro como fui embora da despedida de solteiro de Rhett. Estávamos em um bar bem brega — um boteco chamado Ye-Haute, que tinha uma vibe ao mesmo tempo britânica e faroeste; quem servia os drinques atrás do balcão usava chapéu de caubói e falava como se tivesse saído de um romance de Shakespeare —, e acho que exagerei nas doses servidas no seu generoso decote. Como madrinha — eu me recusava a ser chamada de *dama de honra*, a menos que fosse em alguma brincadeira —, eu devia garantir que a despedida de solteiro fosse um sucesso.

*Acho* que consegui.

Enquanto isso, o outro convidado de honra — meu inimigo mortal, a pedra no meu sapato — devia cuidar da despedida de solteira na pousada. Com manicure, pedicure, champanhe e uma noite tranquila, suponho.

Na verdade, faço essas suposições só até ouvir alguém batendo na porta do quarto do hotel, me fazendo pular do sofá. Batem de novo, desta vez com mais força. As batidas parecer atingir meu crânio ressacado feito um furador de gelo.

Até que...

— Audrey! *Audrey*, pelo amor de *Deus*! Espero que esteja aí.

Resmungo. Porque conheço a voz. É *ele*. É claro que é *ele*. O homem que me deixaria com enxaqueca — se eu já não estivesse tendo uma — só de ouvir sua voz. Afasto o cobertor e me arrasto

até a porta, vislumbrando meu reflexo no espelho do corredor.

Parece que alguém me atropelou com um caminhão, deu ré e depois passou por cima de mim de novo só para garantir. O rímel está todo borrado em volta dos meus olhos, meu batom migrou para a bochecha, um brinco sumiu, meu vestido está amassado e tem uma mancha misteriosa no meu peito esquerdo. Pelo menos, minha aparência faz jus a como me sinto. O cobertor é, na verdade, só um lençol que devo ter pegado no armário do corredor. Será que nem consegui *chegar* até a cama?

A pontada que estou sentindo nas costas me diz que não. Sou muito jovem para ser velha demais para isso.

— Audrey! — O homem bate na porta mais uma vez. — É melhor que esteja aí...

Abro-a com ar confiante.

— Theodore... — cumprimento-o com uma voz rouca. — Te garanto que estou aqui.

Gostaria de poder dizer que nossa relação *melhorou* desde que nos vimos no dia anterior, mas os poucos momentos em que conversamos de tarde e durante o jantar foram tudo menos amigáveis. Não sei o que vi nele em Nova Orleans. Provavelmente beleza. Tenho um fraco por beleza. Meu único fraco, aparentemente, porque Theodore Luck é tipo um homem recortado em papelão — com bordas afiadas e emoções finas como papel. Se bege fosse uma pessoa, ele seria a cor favorita de tinta. Apesar de ser a personificação do que é uma pessoa sem-graça, ele é bonitão, mesmo em meio à minha confusão mental provocada pela ressaca. Tem maxilar bem marcado, nariz reto e suaves olhos verdes. E uma sarda solitária e insuportável sob o olho esquerdo, como se sua carranca impecável tivesse afastado todas as outras.

E aquela boca. Ainda me pergunto qual é seu gosto.

Provavelmente de tragédia.

Ele nem se dá ao trabalho de me cumprimentar antes de entrar com tudo no quarto. Levo um instante para registrar que as roupas dele estão tão amassadas quanto as minhas — são as

mesmas de *ontem à noite* — e que ele perdeu a gravata em algum momento entre o jantar e agora. Pelo visto, a festinha de manicure/pedicure foi uma loucura.

— Onde ele está? — Theo pergunta.

Sigo-o pelo quarto.

— Bem, bom dia e feliz Dia dos Namorados pra você também.

— Sei que ele está aqui.

Ele vasculha a sala de estar e o quarto — que está surpreendentemente impecável. Parece que apaguei ali no sofá ontem à noite, ou hoje de manhã, ou *seja lá* a hora que cheguei. Tudo virou um borrão depois dos shots de tequila.

— Você não pode simplesmente entrar assim — vou dizendo atrás dele.

À medida que ele perambula pelo quarto e pelo banheiro e volta para a sala, vai ficando mais pálido do que quando entrou.

— Onde ele está?

— Não consigo ler sua mente. De quem você está falando?

— Quem poderia ser? *Rhett*! O *noivo*!

— E por que ele estaria *aqui*? — devolvo, porque essa suposição de repente ataca visceralmente meus nervos.

Há dez anos que tenho que fazer esse jogo. "Não, não estamos namorando. Não, ele não gosta de mim desse jeito. Não, somos só amigos. Não, *não* quero que sejamos mais que amigos."

É fácil as pessoas pensarem que tenho ciúme da Carmilla. Não basta ser a mulher mais linda da Costa Leste? *Ainda por cima* tem que ter Rhett Song todinho só para ela? Acho que, se isso fosse uma comédia romântica dos anos noventa, eu seria a personagem da Julia Roberts tentando destruir o casamento deles. Mas não sou.

E a suposição de que Rhett está *aqui* me deixa realmente com ódio.

— Não lembro de nada da noite passada. Você já deu uma olhada no quarto *dele*? Ou no quarto do Mike? Ou daquele cara... Como é o nome do primo da Carmilla? Jerry? Jeffrey?

— Josiah, e sim — ele responde de um jeito grosseiro. Ele abre e fecha as mãos e então solta um longo suspiro. Depois fala com uma voz surpreendentemente calma: — Ele não está em nenhum desses quartos *nem* no próprio quarto. Foi o primeiro lugar que olhei. Nada mesmo? — E acrescenta, um pouco confuso: — Você não se lembra de nada?

Meu estômago começa a se revirar, e ainda tenho um longo dia pela frente. Movimento a mão casualmente.

— Não importa. E o Rhett deve só ter saído pra tomar café da manhã ou algo assim.

Suas sobrancelhas impressionantemente grossas se franzem, enrugando sua pele. Não que eu ache fofo, porque não é. Nem um pouco.

— Que horas você acha que são, Audrey?

— Sei lá! — falo com desdém. Só quero dois Advil e uma vodca com tônica. — Cedo demais.

— São quatro da tarde.

— *Rá*! — solto, e me viro para procurar o Advil na mala.

Ele me segura pelo braço com firmeza e repete:

— São quatro da tarde.

— Não.

— Sim, o casamento é daqui a duas horas — ele continua com uma voz ainda calma, mas percebo um certo pânico ali, como se ele estivesse andando na corda bamba. — O Rhett não está no quarto. Não apareceu pro café da manhã. E ninguém sabe onde ele está.

Não. Peraí! *Não*! Não pode ser. O Rhett nunca se atrasa para nada. Ele é irritantemente pontual, na verdade. Ele não é assim.

Puxo o braço e me viro para que ele não veja o desespero se espalhando pelo meu rosto e vou até a janela. No lado de fora, no jardim, vejo a pérgola montada, as cadeiras forradas de cetim branco dispostas em fileiras sobre a grama verde. O sol do fim da tarde tinge tudo de um lindo tom dourado, e não há uma nuvem no céu. É o melhor clima possível para um casamento ao ar livre. Os pais da Carmilla insistiram em nos colocar naquela

linda e isolada pousada, embora eu nunca tivesse me hospedado em nada melhor do que os hotéis Best Western. (Os *melhores quartos* da Best Western, mas ainda assim.) Tudo na vida da Carmilla é completamente diferente da minha e da de Rhett. Ela foi indicada ao Emmy três vezes, saiu em várias capas da *Vogue* e tem um armário inteiro só para os sapatos. Já eu tenho três sapatos para revezar e não consigo imaginar como é ter um armário inteiro cheinho deles. Quando o Rhett me falou da Carmilla pela primeira vez, pensei que ela só estava usando-o como um dos seus diversos casinhos, e o Rhett não escolhe muito bem suas companhias (vide a mulher que o esfaqueou e roubou seus cartões de crédito), mas daí as coisas ficaram sérias e eles foram morar juntos, e quando ele me ligou, eu soube que...

Era pra valer.

Então a Carmilla deixou de ser só uma linda detetive de uma série de TV e passou a ser a mulher que adorava uma camada de açúcar em cima do *latte* e longas caminhadas no bosque e livros sobre baleias. Ela é perfeita para o Rhett. Em quase todos os aspectos. Eu sempre seria a amiga mais antiga dele, mas é ela quem vai fazer esse papel agora — para sempre.

Essa é a parte difícil de engolir.

Massageio as têmporas.

— Tentou ligar pra ele?

— Cai direto na caixa postal.

— E os caras de ontem? Tentou falar com eles?

— Eles disseram que vocês saíram juntos e não voltaram mais.

*Merda*. Definitivamente não me lembro dessa escapada, pelo menos não de cara. Mas, quanto mais eu penso, mais a noite vai voltando em fragmentos, como peças de um quebra-cabeça que vai ganhando forma aos poucos. Saímos do bar. E daí...

Daí...

— Putz... — sussurro.

Theo me encara.

— O que aconteceu?

O pavor se contorce no meu estômago, porque fiz o impensável. Minha versão bêbada fez a única coisa que eu não deveria fazer — *jamais*. A pior coisa que eu poderia imaginar.

Me lembro de um beijo.

Tenho certeza de que isso se encaixaria na categoria de "Coisas terríveis que você nunca deve fazer com um noivo na véspera do casamento dele", mas isto é ainda pior. Muito, muito pior. Porque, primeiro... Que horror! Minha vontade era arrancar minha boca e jogar no mar. Sim, o Rhett é maravilhoso. Lindo. Perfeito.

Mas ele também é como um irmão para mim. Um irmão perdido. Meu braço direito. Minha pessoa favorita. Meu menino engraçado. Eu seria capaz de matar por Rhett Song, e o ajudaria a esconder um cadáver, se fosse necessário. E agora vou ter que esfoliar pelo menos três vezes os meus lábios antes de conseguir sequer *pensar* nele de novo.

Beijar o Rhett é tipo o Luke beijar a Princesa Leia em *Star Wars*.

E, claro, também é uma má notícia por causa da minha maldição.

Sabe aquela maldição em que o Theodore Luck não acredita?

Desde que me lembro, sempre que beijei alguém — na boca e com propósito —, essa pessoa encontrou a alma gêmea, o amor da vida dela, no dia seguinte.

Sei como isso parece, *de verdade*. Mas o que mais explica o fato de que, quando eu tinha treze anos e beijei o Teddy Abercon atrás das arquibancadas do ginásio, nossa professora de ciências o colocou para fazer dupla com a Evelyn Albright na manhã seguinte para a dissecação de um sapo e agora, quinze anos depois, eles estão felizes e casados, com dois filhos em Albuquerque? Ou que o Quinn Dayton, que eu beijei nos fundos do ônibus no último ano da escola, partiu na manhã seguinte para um mochilão pela Europa e sentou-se ao lado do futuro marido, Fitzgerald, em um voo noturno para Londres?

Também teve Fiona Baylor. Cairo Weitz. Iwan Ashton. Oliver Quick. Phillip Dietz. Wesley McNutty. A lista segue, somando doze pessoas no total.

Com o Rhett, são treze.

Treze pessoas, e agora ele está desaparecido. No dia do seu casamento.

Eu o beijei ontem à noite, ele percebeu que estava prestes a se casar com a mulher errada e resolveu fugir. É a única explicação, certo? Não é? Em algum momento ontem, ele conheceu o amor da vida dele e agora eles estão vivendo uma aventura predestinada no estilo comédia romântica enquanto se apaixonam perdidamente...

E a Carmilla não faz parte dessa história.

*Ah, meu Deus*. Eu virei mesmo a Julia Roberts em *O casamento do meu melhor amigo*.

Theo lê meu rosto, porque diz:

— Você se lembrou de alguma coisa de ontem à noite?

— Hã? — solto. Em seguida, pigarreio. Tento fazer minha melhor cara de paisagem. — Não.

— Conheço essa cara.

Pelo visto, minha cara de paisagem é uma porcaria.

Deve haver algum erro aí. Me recuso a acreditar que eu — mesmo bêbada — faria algo tão idiota quanto beijar meu melhor amigo. Balanço a cabeça e digo:

— O Rhett nunca deixa as coisas pela metade. Tenho certeza de que ele está em algum lugar da cidade. Vamos começar por onde o vimos pela última vez — sugiro, pegando a bolsa onde a Audrey bêbada a jogou, em cima do móvel da entrada, e colocando-a no ombro. — Que foi o Ye-Haute.

Theo franze o nariz.

— O bar dos caubóis?

— Só Deus pode me julgar — respondo, séria. Ele ergue as mãos. — Vamos logo.

— Vai na frente.

Dou a volta nele para sair do quarto e sigo pelo corredor,

descendo dois degraus por vez até o térreo. A pousada está movimentada por conta do casamento, e é fácil escapar sem sermos questionados no meio do caos.

Pelo menos por enquanto.

— Então você realmente não sabe onde ele está? — Theo pergunta, me alcançando na rua.

Avançamos na direção do centro daquela cidadezinha digna de fotos do Pinterest.

— Não — confesso.

Ele solta um suspiro à beira do pânico.

— E estamos a duas horas do casamento. Que ótimo! Não pode ficar pior!

— Com essa sua atitude, pode ser que piore — digo. — A gente vai encontrar o Rhett. A Carmilla sabe que ele sumiu?

Ele balança a cabeça.

— Não quis perturbá-la com isso. Ela já estava bem estressada por causa do casamento.

Então os dois estavam estressados. Casamentos parecem ser uma coisa terrível. Não entendo por que diabos alguém em sã consciência se voluntaria a passar por isso. Isso significa que a Carmilla não vai ajudar em nada — e Theo e eu vamos ter que lidar com o problema *sozinhos*. Tenho quase certeza de que não vamos encontrar o Rhett no bar, mas não sei por onde começar, e tudo o que conheço de romances policiais é que é preciso refazer seus passos para encontrar a pessoa desaparecida.

Tomara que funcione.

Passamos pelas vitrines das lojas parecendo uma dupla de encrenqueiros em uma cidadezinha pitoresca e charmosa. As pessoas viram o rosto para nos observar — acho que não é todo dia que jogadores de golfe veem uma mulher em um macacão prateado brilhante, com os olhos borrados de rímel, atravessando a cidade deles como se estivesse cumprindo uma missão enviada por Deus. Não é a primeira vez que saio em público com cara de quem viveu um inferno na noite anterior, mas e Theo? Até me surpreende que ele esteja um pouco desalinhado, com a camisa

lilás amarrotada e meio desabotoada, até que ele se vê na vitrine de uma butique e passa os dedos pelos cabelos ruivos e acobreados para ajeitá-los. Seus fios são grossos e macios, e lembro-me de passar as mãos nele… Em Nova Orleans?

Deve ser.

Ele me nota encarando seu reflexo e desvio o olhar depressa, ficando vermelha. Sinto-o me olhando na vitrine por um instante, me estudando com aqueles suaves olhos verdes que carregam uma espécie de peculiaridade que não consigo identificar.

— Aposto que você está pensando que sou um desastre — falo para o seu reflexo, e ele desvia o olhar rapidamente.

— Não… Bem, não fui *eu* que perdi o noivo…

Reviro os olhos.

— Ah, sim, porque o Theo Luck é perfeito! Como pude me esquecer disso? Tem o cabelo perfeito, as roupas perfeitas… Bem, não nesse momento, mas geralmente sim. Dentes perfeitos, tudo perfeito. Você deve ter um emprego perfeito também. As mulheres devem estar te disputando a tapas.

Ele solta uma risada.

— Te garanto que não estão.

— Por quê?

— Que pergunta grosseira.

— E você que me pediu um beijo ontem? — retruco.

A próxima vitrine anuncia a MAIOR PROMOÇÃO DO VERÃO, e felizmente meu reflexo desaparece.

— Eu… não percebi.

— Ah! E talvez você também não tenha percebido que podia ter me ligado nos últimos meses ou… sei lá. Pelo menos me mandado uma mensagem? Mas ah, é, claro que não, fui só mais uma das suas conquistas.

Ele se aproxima de mim.

— Eu não sabia o que dizer… Audrey, peraí… Espera. — Ele pega minha mão com gentileza, mas a afasto.

Sentindo seu toque formigando na minha pele, continuo:

— "Oi" teria sido um bom começo, Theo. Mesmo que você não goste de mim, a gente vai estar na vida um do outro pelo tempo que nossos melhores amigos permanecerem casados, e espero que seja por bastante tempo. Provavelmente pra sempre.

— Provavelmente — ele concorda. — É só que...

— Chegamos — declaro, apontando para a porta vermelha com uma placa néon de caubói pendurada nos painéis de vidro.

Ele engole o que quer que estava prestes a dizer e me conduz para dentro.

O Ye-Haute é quase um buraco na parede espremido entre dois restaurantes chiques, que estão arrumando as cadeiras para abrir. O sino acima do bar ressoa quando entramos, e o cheiro forte de desinfetante e fritura ataca meus sentidos tão ferozmente que minha ressaca ameaça me fazer vomitar.

Devo ter congelado no lugar, porque Theo coloca a mão na base da minha coluna. Seu toque é quente, gentil e firme e me estabiliza. Logo percebo que ele está *com a mão nas minhas costas*. Sigo em frente com pressa.

A pessoa atrás do bar de mogno ergue os olhos dos copos que está arrumando para a noite, e seu rosto fica sombrio quando me vê.

— Ainda não abrimos — elu fala com severidade. — E prefiro que você não volte aqui.

Fico surpresa.

— Eita, calma. O que foi que eu fiz?

Elu bufa e revira os olhos. Seu piercing no lábio cintila sob o roxo néon da placa VELHO TESOURO.

— O que foi que você *não* fez? Primeiro você chegou exigindo drinques e, depois, começou a cantar a trilha de *Legalmente loira*...

— Ah, é... Eu fiz isso, né? — Fico bastante orgulhosa de mim por isso, na verdade.

Theo intervém, se colocando ao meu lado.

— Só estamos procurando nosso amigo. Será que você sabe pra onde ele foi ontem à noite?

— Acho que não.

— Cabelo escuro, tatuagem de Medusa no braço esquerdo? — pergunto.

Elu pensa um pouco e depois diz:

— Ah, ele saiu com *ela*. — E aponta para mim. Depois encara o Theo, franzindo a testa. — Não me lembro de você ontem. Você também estava na despedida de solteiro?

— Na despedida de solteira — ele esclarece.

— Fez bem.

Balanço a cabeça, frustrada. No fundo da minha mente, comecei a pensar que talvez eu tivesse beijado outra pessoa e o sumiço do Rhett fosse só uma estranha coincidência. Mas se ele saiu *comigo*...

O cheiro do bar faz meu estômago se contorcer. Ou quem sabe seja o pânico crescendo dentro de mim que está me fazendo ficar enjoada.

Engulo o nó na garganta e pergunto:

— Você não sabe pra onde a gente foi?

— Você não se lembra? — elu pergunta.

— Não, e ele sumiu. O casamento é em duas horas...

— Uma hora e meia — Theo me corrige.

Lanço um olhar severo para ele.

— E a gente não sabe onde ele está.

Elu me olha com uma simpatia inédita, porque sei que não sou a primeira madrinha a perder o noivo, e finalmente cede, passando a mão pelo cabelo curto.

— Beleza, está bem. Acho que ouvi vocês falando pra onde estavam indo, mas tenho um pedido primeiro.

Inclino a cabeça.

— Qual?

Elu pega a conta, que tem cerca de um quilômetro de extensão, debaixo do bar, e bate a mão no mogno, apontando o dedo para o papel.

— Sua conta.

Theo dá uma bufada que soa como uma risada. Fico

boquiaberta olhando para o total e correndo os olhos pelos itens. Tem *muita* coisa.

— Eu não posso ter bebido *tudo* isso. Sem chance. Isso seria capaz de matar até André, o gigante.

— Ah... — elu comenta calmamente. — *Você* não, mas uma hora você *ficou* de pé ali no bar — aponta para o balcão — e disse que pagaria a próxima rodada. Depois saiu pelos fundos e não pagou.

Theo estala a língua, decepcionado.

— Audrey Love, você deu mesmo um calote no bar?

— Eu não me *lembro* — sibilo, mortificada. — É a primeira vez que faço isso na vida!

Elu bate o dedo na conta mais uma vez, e pelo visto é o suficiente para me obrigar a pegar a bolsa e a carteira. Só que... a carteira não está na bolsa. Em nenhum lugar. Procuro de novo, sentindo o sangue tomar o meu rosto. Não só perdi a carteira como também a identidade e os cartões estourados e o número de um garçom gatinho...

Theo fica me olhando despejar todo o conteúdo da bolsa no bar e vasculhar os absorventes internos e os recibos e os batons pela metade... e não encontrar nada. Isso não pode estar acontecendo!

Sem falar nada, ele pega a carteira no bolso da calça, saca um velho cartão de crédito e o coloca em cima da conta.

— Ah, não! Você não pode... — começo a argumentar.

Ele me interrompe:

— Tudo bem. Estamos ficando sem tempo.

Mesmo que eu queira discutir, elu pega o cartão imediatamente feito o Gollum vendo o Anel e vai até a maquininha depressa, como se Theo pudesse mudar de ideia. Em seguida, devolve o cartão, que Theo guarda na carteira.

— Vou te pagar — digo. — Qual é o seu Pix?

Ele ergue a mão para que eu pare de falar.

— Audrey, tudo bem... — Ele assina o recibo sem nem olhar duas vezes. — Pronto! Pra onde o Rhett foi?

Elu conta que, na noite anterior, Rhett e eu ficamos reclamando sobre as escassas opções de comida oferecidas no estabelecimento e dizendo que queríamos comer rosquinhas.

— Então vocês saíram pelos fundos e não voltaram mais — elu termina com uma voz impassível.

Estremeço, porque, sim, faz sentido.

Theo me lança um olhar julgador.

— Rosquinhas?

— Isso, donuts — esclareço.

— Donuts?

— É.

Tinha um boteco na rua da universidade e uma loja de rosquinhas bem ao lado dele, então o Rhett e eu costumávamos encher a cara às quintas e seguir cambaleando para a loja para recuperar a sobriedade com rosquinhas e café barato.

— Entendi. — Ele coça o queixo e franze a sobrancelha. — Então... Onde ficam essas *rosquinhas*?

Abro a boca. Fecho. Franzo a testa.

Elu diz:

— O único lugar que vende rosquinhas na cidade é a loja de conveniência vinte e quatro horas que fica a uns oitocentos metros à esquerda...

# Ontem à noite

A placa indicando a saída emitia um brilho vermelho enquanto eu empurrava a porta com as costas, saindo em um beco bem iluminado. O Rhett correu atrás de mim dando risada porque não tínhamos pagado a conta. O pessoal ainda estava na metade do álbum do *Legalmente loira*, e eu tinha certeza de que conseguiríamos voltar antes de "Bend and Snap". Mas primeiro: rosquinhas. A calçada salpicada de areia brilhava ao luar, as luzes da rua cintilavam, a noite de inverno estava gelada como sempre na véspera do Dia dos Namorados.

— Não acredito que você vai se casar no *Dia dos Namorados*. Nunca vou te deixar esquecer disso — proclamei.

— É melhor eu não esquecer mesmo — ele disse, enrolando o cachecol no pescoço.

Sua pele bronzeada era coberta de sardas escuras, seus cabelos pretos eram grossos e seus cílios, longos, o que sua mãe dizia vir do lado italiano deles, enquanto seu gosto por tudo o que era picante vinha do avô coreano. Nos últimos dez anos, vi mulheres se atropelando só para passar uma noite com Rhett Song. Ele era um ótimo partido. Era brilhante e educado, e, se os boatos fossem verdadeiros, também era incrível na cama. Carmilla era uma mulher de sorte.

Falei exatamente isso enquanto caminhávamos para pegar nossas rosquinhas.

— É, eu sei. Mas... Posso te contar um segredo? Não sei se quero isto — ele se lamentou, passando os dedos pelo cabelo curto. Ele o cortara para o casamento, e eu sentia falta dos fios na altura do ombro ou presos em um coque. — É demais pra

mim. É assustador. E ela é perfeita. Sinto que ela está se *conformando* comigo. Ela merece muito mais. Alguém que se importe de verdade com esse casamento.

Fiquei surpresa.

— Você não quer se casar?

— Sim! Não! Sei lá… — Ele olhou para o céu. — Quero passar o resto da minha *vida* com ela. Não me importo com o resto.

Mesmo bêbada, com o mundo girando ao nosso redor — *para* nós —, quando ninguém mais no mundo importava, hesitei na resposta. Porque naquele momento, sentindo o sal na minha língua e os ouvidos zumbindo da música do bar, eu soube que ali era o começo do fim. Porque, quando você ama, é preciso deixar a pessoa ir.

Então falei:

— Acho que tive uma ideia.

# Agora

Já estou fora do Ye-Haute antes mesmo que elu termine de falar, e Theo me alcança na próxima quadra. Estou tão nervosa que meus punhos estão cerrados com força e meu peito tenso dói. Meus saltos fazem barulho na calçada enquanto aperto o passo e começo a correr para a loja de conveniência. Sei que não vamos encontrá-lo ali, mas torço para que sim.

Eu pedi para ele me beijar, não? Devo ter pedido. Era uma solução simples para o problema dele e eu estava bêbada o suficiente para não pensar nas consequências. Era um jeito infalível para descobrir se a Carmilla era o amor da sua vida.

A loja de conveniência está sem rosquinhas, e o balconista de serviço hoje estava de folga durante os três dias anteriores, então não faz ideia de quem é o Rhett ou para onde ele foi. E só temos uma hora e pouquinho para o casamento.

Ligo para o celular dele sem esperança. Cai direto na caixa postal. Não me lembro da última vez que ele me mandou direto para a caixa postal.

Acho que isso nunca aconteceu.

Entramos no Java Script, uma cafeteria da rua, porque preciso me sentar um pouco e deixar meu estômago se acalmar. A ressaca me derrubou, ou pelo menos é o que digo a Theo.

Na verdade, é o pânico.

Tento ligar de novo, mas ele não atende. Meu celular está com dez por cento de bateria e todas as mensagens que mando não são entregues. E se ele estiver *morto*? Seria pior que ter conhecido o amor da vida dele. Fico me culpando por não ter aprovado o GPS dele para poder localizá-lo com um aplicativo.

Embora ontem isso me parecesse assustador, me pouparia muitos problemas hoje.

Será que o Rhett me odeia agora? Será que a Carmilla vai me odiar?

— Parece que você engoliu uma abelha — Theo comenta, colocando um café para viagem na minha frente.

*Você também vai me odiar?* Não sei se quero saber.

Agradeço baixinho e dou um gole no café.

— Quanto de açúcar você botou aqui?

— Três colheres e meia e um pouco de leite.

Franzo as sobrancelhas, olhando para o copo de papel.

— Está... exatamente do jeito que eu gosto.

— Eu sei, você me falou — ele responde, sentando-se na minha frente. Ele apoia a cabeça na mão e uma cortina de cabelo ruivo cai sobre os seus olhos, até que ele a afasta com os dedos. Ele é realmente muito bonito, o que é irritante e injusto. — E aí, teve alguma outra ideia?

— Não... — Suspiro. — Acho que é tudo culpa minha.

— Duvido.

— Não, acho que é mesmo.

— Acho que não. A não ser que você tenha trancado o Rhett na cobertura de algum prédio ou algo assim.

Franzo a testa.

— Uma hora atrás, você estava dizendo o oposto.

— Eu estava em pânico — ele confessa, passando o dedão pela tampa de plástico do seu *macchiato*. — Na verdade, não acho que você tenha causado o sumiço do Rhett. Desculpa por ter te culpado. Eu só... Nunca tinha visto Millie tão feliz, e não lido nada bem com mudanças. Elas me assustam. — Em seguida, ele acrescenta, me encarando com seus olhos esmeralda, e um calafrio desce pela minha coluna: — Você também me assusta.

— Por quê?

— Porque você me faz pensar no que mais estou perdendo, fechado no meu estúdio com minhas esculturas e minha argila. A Millie é o meu porto seguro... *era* o meu porto seguro — ele se

corrige. — Ela garantia que eu estivesse alimentado e hidratado, que eu tivesse amigos, que eu *socializasse*. As pessoas não me interessam muito. Não entendo as piadas delas. Às vezes, sou direto demais e pareço grosseiro. Então estou acostumado com gente entrando e saindo da minha vida, mas a Millie permaneceu. Quero que ela seja feliz, mas pra isso preciso deixá-la ir. As coisas vão mudar. E estou com medo.

Fico com vontade de provocá-lo, porque não é como se a Carmilla e o Rhett estivessem indo embora para nunca mais voltar, mas entendo o que ele está sentindo. O Rhett é meu melhor amigo, e em uma hora — *se* o encontrarmos —, ele será de outra pessoa, pela própria natureza da situação. Sempre serei importante, claro, mas não vou mais ser sua *metade*. Não vou mais ser a pessoa para quem ele liga quando está bêbado, e não vou mais ser a pessoa que ouve todas aquelas piadinhas chatas de engenharia, e preciso ficar bem com isso. Vou ficar bem.

E sei que, uma hora, Theo também vai ficar.

Me inclino um pouco para frente e falo baixinho... como se fosse um segredo:

— Acho que temos mais coisas em comum do que você pensa.

— Quem poderia imaginar? — ele diz.

Dou risada, mas ela logo azeda quando vejo a hora no seu relógio. O nó na minha garganta não quer ir embora e estamos ficando sem tempo.

— Acho que beijei o Rhett ontem. Eu não... não me lembro do momento exato, mas foi depois do bar e depois das rosquinhas. Eu lembro... — Minha voz falha. Lágrimas se acumulam nos meus olhos. — Ah, meu Deus! Eu sou terrível, não sou? Por beijar meu melhor amigo na véspera do casamento dele?

Ele fica um tempo sem falar nada e depois esfrega o rosto com a mão, cansado.

— Não. Não, acho que você não fez isso, Audrey.

— É muita gentileza sua, mas fiz *sim*.

— Quando?

— Ontem à noite! Presta atenção! — Começo a chorar. Limpo os olhos com as mãos e borro mais ainda o rímel já borrado. Minha maquiagem já é um caso perdido, de qualquer jeito. — Sou uma pessoa terrível, porque beijei ele e estraguei tudo. Porque, toda vez que eu beijo alguém, a pessoa encontra a alma gêmea no dia seguinte, e agora ele está desaparecido e... e...

Theo fica me observando em silêncio, pacientemente, como se só estivesse esperando eu gastar toda a minha energia.

Ergo as mãos.

— Então é *óbvio* que o Rhett conheceu a mulher dos sonhos dele e é tudo culpa minha e agora o casamento já era e eu nunca o vi tão feliz quanto estava com a Carmilla, só que estraguei tudo, porque eu sempre estrago tudo e...

De repente, ele coloca dois dedos na minha boca, me silenciando.

— O que te faz pensar... — ele fala baixinho, enquanto seus olhos verdes se fixam nos meus olhos cheios de lágrimas — ... que a Millie não é o amor verdadeiro dele?

Abro a boca.

— Eu... Hum...

— É realmente audacioso da sua parte presumir que ele se apaixonou por outra pessoa e confessar isso pro melhor amigo da Millie. O que espera que eu faça com essa informação, Audrey?

— Eu... — Engulo o nó que não para de crescer na minha garganta, cerrando os punhos com força e me concentrando na sensação que minhas unhas produzem na minha pele. Putz, agora *ele* também está bravo comigo! — Eu não queria mais mentir. Pra ninguém e... especialmente pra você. Agora não. Não quando tudo isto é culpa minha.

Ele fica em silêncio de novo.

— Tudo bem. Feche os olhos — ele diz.

Fico encarando-o, perplexa, porque agora *não* é o momento.

— Por quê?

Ele se aproxima por cima da mesa. Seus olhos estão mais escuros, transformando-se na minha cor verde-esmeralda favorita.

— Só feche os olhos, Audrey Love.

Então eu fecho. Não sei direito o que acontece em seguida — não, mentira, sei exatamente o que acontece em seguida, mas estou atordoada demais para fazer algo a respeito. Porque ele segura meu queixo e o inclina um pouco para cima, e então cobre os meus lábios com os seus.

# Ontem à noite

— Sério? *Essa* é a sua ideia? — Rhett perguntou, atônito. Estávamos sentados no meio-fio, tendo comido quase todas as rosquinhas murchas da loja, um pouco menos bêbados. — Fugir?

— Se a vida fica difícil, se manda — falei, citando meu *meme* favorito. — Os verdadeiros vencedores sabem desistir.

— Audrey, eu não posso só... me mandar. O que a Carmilla ia pensar? Ela me mataria.

Ergui as mãos.

— Bem, então não sei o que te dizer. Você claramente não está feliz agora, e é a véspera do seu *casamento*.

— Não é o casamento que me incomoda — ele falou, tentando se convencer também. — Às vezes, quando você ama alguém, é preciso fazer coisas que você não quer.

— Mas o que *você* não quer? Ela está conseguindo tudo o que quer — observei.

— Você realmente acha que ela quer tudo isso?

Comecei a contar os itens com os dedos.

— Você viajou pra cidade da família *dela*. Estamos hospedados na pousada dos pais *dela*, e a lista de convidados está cheia dos amigos *dela*...

— Duvido que ela conheça metade dessas pessoas...

Continuei:

— As flores são as favoritas da avó *dela*. A data é a que os pais *dela* escolheram. Tem tão pouco de você nisso que é como se você nem estivesse aqui.

— Os pais dela têm sido... incrivelmente autoritários — ele murmurou. — Eu amo a Carmilla. Faria qualquer coisa por ela.

Inclinei a cabeça, observando seu rosto. Ele parecia dez anos mais novo sob aquela luz, tanto que eu poderia até fingir que estávamos outra vez na faculdade, sentados no meio-fio do lado de fora da loja de rosquinhas enquanto ele me contava sobre seu último encontro com alguma garota. O Rhett sempre falava delas do mesmo jeito — nunca citava seus nomes e mal notava a cor dos seus cabelos ou o que estavam usando.

Eu tinha saudade daquele tempo. *Daquele* Rhett. Aquele que estava sozinho comigo, em vez de com outra pessoa.

— Sei que você faria qualquer coisa por ela... — eu disse na noite tranquila. Minhas palavras saíram em nuvens de vapor. — Mas ela faria qualquer coisa por você?

Ele se levantou de repente.

— Chega de papo! Você não entende — ele falou, e saiu andando sem dizer mais uma palavra.

Praguejei baixinho e enterrei o rosto nos joelhos. *Muito bem, Audrey*, pensei comigo mesma. *Você devia ter ficado de boca fechada comendo suas rosquinhas.*

Não é que eu duvidasse que a Carmilla era a *pessoa certa*. Eu só não sabia se queria que ela fosse, porque não queria ficar sozinha.

Isso era assustador. E ali estava eu: sozinha.

Pelo menos até que ouvi passos atrás de mim.

— Desculpe... Não falei pra valer — murmurei para os meus joelhos, pensando que era o Rhett voltando para ver como eu estava. As lágrimas transbordavam dos meus olhos e eu não conseguia contê-las porque estava cansada, e, quando eu ficava cansada desse jeito, me sentia fraca e não era muito boa em conter as emoções, especialmente às duas da manhã. — Eu só... não sei o que vou fazer depois. Era só a gente, sabe? E agora tem a Carmilla e eu gosto bastante dela, mas... não vou ser mais sua dupla. Vou ficar sozinha.

— Eu também — disse o dono dos passos.

Prendi o fôlego e olhei para trás, percebendo com surpresa que não era o Rhett.

Era o Theo.

Ele se sentou ao meu lado no meio-fio e abriu a boca para — acho — perguntar o que estava acontecendo, por que eu estava sendo tão besta, chorando ali na calçada, mas soltei um soluço e enfiei a cabeça no seu ombro. E, para o meu espanto, ele me abraçou enquanto eu chorava em seu casaco.

— Ei, você não vai ficar sozinha pra sempre! Você é animada... e engraçada... e talentosa — ele disse.

Funguei.

— Você nem sabe o que eu faço.

— Você é revisora. Você sempre escreve com caneta vermelha. Sua sobremesa favorita é o *s'more*, e sua palavra predileta é um sussurro.

Surpresa, me afastei do seu ombro e fiquei encarando seu rosto sob a luz oscilante da rua. A brisa trazia um cheiro de maresia e bagunçava seu cabelo.

Ele continuou:

— O Rhett não parou de falar de você quando o conheci. Você devia ouvir o jeito que ele falava... como se você fosse a lua, o sol e todas as estrelas do universo dele. Eu mal podia esperar pra te conhecer em Nova Orleans. E, quando te conheci, percebi que ele não tinha nem me contado as melhores partes.

Minha garganta doeu quando tentei engolir meus soluços. Meu rímel deixou uma marca no seu lindo casaco de lã.

— Q-quais s-são essas partes?

— Você é gata pra caramba.

— Borrei seu casaco de rímel.

— É só um pequeno contratempo — ele disse, enfiando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Eu não estava brincando ontem quando te pedi pra me beijar.

Minha boca tremeu.

— Pra você encontrar seu a-amor verdadeiro também?

— Esquece *isso* — ele grunhiu, segurando meu rosto entre as mãos e me beijando.

Nossas bocas se colaram e nossas respirações se entrelaçaram

no frio.

No começo, fiquei surpresa, mas então meus ombros relaxaram e agarrei sua gola para puxá-lo para mais perto. O mundo ficou silencioso. Ele mordeu meus lábios, correndo os dedos compridos pelo meu rosto, mexendo no meu cabelo. Me entreguei ao beijo com vontade, derretendo feito manteiga quente em uma frigideira. Quando nos separamos, seus olhos estavam brilhantes e febris, e um rubor fixou-se permanentemente em minhas bochechas.

— Vamos pro quarto? — perguntei.

Ele me colocou de pé e seguimos nos beijando pela calçada. Atravessamos o portão da pousada e subimos as escadas dando risada até o quarto dele...

— No meu, não. De jeito nenhum — eu disse.

Ele perguntou, achando graça:

— Por quê?

— Porque dá azar transar com o melhor amigo da noiva no quarto da madrinha.

— Hum... Nunca ouvi isso antes.

— Vai por mim — falei enquanto ele beijava meu pescoço. — Sou supersticiosa.

O quarto dele estava tão impecável quanto o meu, pelo menos até ele me levantar, enquanto eu entrelaçava sua cintura com as coxas, e me colocar na cama. Minhas mãos não paravam de percorrer seu rosto, viajando do seu pescoço até o peito. Nossos casacos caíram no chão. Suas mãos tatearam meu macacão, procurando o zíper enquanto ele mordiscava meu pescoço. Tirei sua gravata e ela deslizou para fora da cama.

Então ele finalmente arrancou meu macacão brilhante e tirou a camisa lilás. Depois, beijou meu pescoço de novo, descendo até o meu peito, roçando minha pele com os dentes feito um lobo faminto.

— O que te fez mudar de ideia? — perguntei. — Sobre me beijar?

Senti que ele estava duro, roçando na minha cintura, e fazia

tanto tempo que eu não tinha intimidade com ninguém que queria muito. Muito, muito mesmo.

— Porque seria você — ele disse. — Eu sabia que seria você.

Meu peito se apertou. Ele não precisava explicar o que *seria*. *Seria* aquilo que passei a vida toda procurando. *Seria* aquilo que sempre me escapou — aquilo que acompanhava todos os caras que já beijei. Sempre fui a garota que vinha *antes* do final feliz.

Eu era a pessoa em quem eles encontravam abrigo por um tempo. Mas não era a pessoa com quem permaneciam.

Eu não era essa pessoa para ninguém...

Ou pelo menos era o que eu pensava.

— Você não está falando isso só pra transar comigo, né? — perguntei.

Sua boca estava cada vez mais perto, suas mãos estavam nas minhas coxas, seus dedos puxavam minha calcinha para baixo devagar... Então ele parou e me encarou com aqueles tempestuosos olhos esmeralda.

— Audrey Love, eu não vou apenas transar com você — ele grunhiu, colocando os dedos lentamente dentro de mim. Dois, depois três, enquanto seu polegar fazia círculos suaves no meu clitóris. Agarrei os lençóis e segurei um gemido. — Vou fazer amor com você, Audrey Love. E fazer você gritar meu nome e me dizer quão sortuda você é.

E foi exatamente o que eu fiz.

# Agora

Me entrego ao seu beijo, visualizando a noite do dia anterior feito um projetor tremeluzente nas minhas pálpebras. Sinto uma queimação e um anseio no fundo das minhas entranhas. Seus lábios têm exatamente o sabor que imaginei, doces e quentes, e são tão macios e... *Meu Deus*... Queria ter me lembrado disso antes. Porque o jeito que ele me beija parece o jeito que eu me apaixono — forte, rápido e profundo. Ele sorri contra a minha boca.

— Lembrou agora? — ele ronrona. Sua voz rouca se mistura com as memórias da noite passada.

— Sim — respondo, sem fôlego, pressionando a testa na testa dele. Meus dedos brincam com o cabelo na sua nuca. — Lembrei.

O que significa...

Me afasto de repente.

— Ah, meu Deus! Quer dizer que o Rhett não sumiu porque encontrou o amor verdadeiro!

Ele suspira e se recosta na cadeira.

— Sim, porque o amor verdadeiro dele é a Millie. A gente já sabe disso.

— Então onde é que ele está? E se ele... — Agora que não estou mais surtando, uma ideia vai ganhando forma instantaneamente. Conheço o Rhett quase como a palma da minha mão, e sei que ele sempre consegue escapar de tudo, mas não vai escapar disso. Não das coisas que quer fazer. Não das coisas com as quais se importa. — Ninguém viu o Rhett desde ontem?

— Parece que sim — Theo fala, cansado.

— E a Carmilla?

— Como eu disse, não quis assustá-la...

— Mas ela *está* no quarto, né? — pergunto. — Ela tomou café da manhã? Fez todas aquelas coisas que as noivas fazem?

O silêncio diz tudo. Ele se senta ereto.

— Ela não faria isso — ele diz. Mas, pelo seu tom, dá para perceber que ele mesmo não acredita no que está dizendo. — Ela *não* faria isso.

Na verdade, ela *faria* e *fez*.

Theo e eu ficamos olhando para o quarto impecável, para o vestido pendurado no grande espelho esperando a noiva que não vai voltar. Há um bilhete na cama, escrito com a caligrafia bonita da Carmilla. Está endereçado a Theo e a mim e diz o que já descobrimos.

— Eles fugiram — ele fala, divertido. — Sem contar para ninguém. — Ele coloca o bilhete na cama e se senta. O colchão faz barulho sob seu peso. Pela aparência dele, a notícia o deixou arrasado. — Bem, então está tudo resolvido. Vou mandar a conta do meu médico pra Carmilla, porque tenho quase certeza de que tive pelo menos uns três ataques cardíacos nas últimas horas.

— E dois colapsos nervosos — concordo, arriscando dar outra olhada nele na cama.

Não vou mencionar o beijo de novo, mas, se ele me beijou ontem, hoje estamos juntos, e ele ainda não conheceu ninguém...

*Você é meu?*

Talvez.

Ou talvez ele conheça alguém no casamento daqui a quinze minutos quando formos dar a notícia para a família reunida nesse dia feliz. Daí eu vou comer um daqueles bolinhos da Cook's Bakeshop e comprar o primeiro voo de volta para Seattle sozinha. Mas isso é com a Audrey do futuro. Por enquanto...

Quando ele faz que vai levantar da cama, eu o empurro. Embora eu tenha me lembrado da maior parte do que aconteceu

ontem, quero mais lembranças. Quero que elas durem.

E por que não começar pelo Dia dos Namorados?

Ele dá uma risada.

— Alguém tem que contar o que aconteceu pro pessoal da festa, querida.

— Temos quinze minutos.

Theo levanta uma sobrancelha questionadora e se apoia nos cotovelos.

— Pra fazer o que, Audrey?

— Não sei — respondo em um murmúrio enquanto subo na cama e deslizo um joelho entre suas coxas. Eu me inclino para ele, usando meu peso para empurrá-lo no edredom branco e macio. — Mas, com um pouco de sorte, tenho certeza de que podemos descobrir.

# Agradecimentos

Se pensar direito, beijo é uma coisa esquisita.

De qualquer forma, gostaria de agradecer a todos que tornaram esta história possível! À minha agente inacreditavelmente incrível, Holly Root, por trazer esta oportunidade à minha porta, e às minhas inabaláveis editoras, Maria Gomez, por pensar em mim para este projeto, e Lindsey Faber, que ajudou a costurar tudo excepcionalmente bem. Também gostaria de agradecer à minha copidesque, Karen Brown, e a todas as pessoas maravilhosas que ajudaram a elaborar a capa, Caroline Johnson e Kris Beecroft, e a todas as outras mulheres que tornaram este projeto real: Stef Sloma, Chrissy Penido e Angela Elson.

E principalmente, obrigada, Amy McFadden, por dar vida a Audrey Love.

ASHLEY POSTON é autora de *The Seven Year Slip* e *The Dead Romantics*, best-sellers do *New York Times*, e *Hawkeye: Bishop Takes King*, da Marvel. Ela escreve histórias sobre amor e amizade com finais felizes.

Copyright © 2024 by Ashley Poston
Todos os direitos reservados.
Publicado mediante acordo com Amazon Original Stories.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL With Any Luck
CAPA Caroline Teagle Johnson
IMAGEM DE CAPA © Evgenia Vasileva, Vahovska Maria / Getty
PREPARAÇÃO BR75 / Aline Canejo
REVISÃO BR75 / Clarisse Cintra
VERSÃO DIGITAL BR75 / Danielle Fróes
ISBN 978-85-8439-4098

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br
facebook.com/editoraparalela
instagram.com/editoraparalela
twitter.com/editoraparalela